

Hélia Correia
PERDIÇÃO
Exercício sobre Antígona

RELÓGIO D'ÁGUA

Hélia Correia

Perdição

Exercício sobre Antígona

Prefácio de
Maria de Fátima Silva

Teatro



Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Telef.: 21 8474450
Fax: 21 8470775
www.relogiodagua.pt
relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: Perdição — Exercício sobre Antígona
Autora: Hélia Correia
Prefácio: Maria de Fátima Silva
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Relógio D'Água Editores sobre pormenor da escadaria
do Teatro de Cnossos, em Creta

1.ª edição, Publicações Dom Quixote em 2001

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2006

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Tipografia Guerra / Viseu
Depósito Legal n.º: 249918/06

Hélia Correia

Perdição

Exercício sobre Antígona

Prefácio de
Maria de Fátima Silva

Teatro

PREFÁCIO

Tudo é, na Perdição de Hélia Correia, anticonvencional, embora o modelo sofocliano se revele, indesmentível, sob uma nova leitura. Mas na interpretação temática, como na arquitectura formal, tudo é agora distinto.

Logo na lista de personagens, uma outra proporção se estabelece entre o masculino e o feminino, além de que a presença de uma Ama no circuito mulheril que rodeia Antígona deixa no ar um tom mais pessoal e íntimo. No texto, uma ambiguidade evidente na natureza desta figura, uma espécie de mão do destino ou daimon, se irá consolidando.

Um simples voltar de página surpreenderá ainda o leitor com a arquitectura gráfica do texto, desenhada em duas colunas encimadas pelas legendas «Vivos» e «Mortas». Assim se reserva aos «Vivos» a acção e às «Mortas» a descoberta, sob as palavras ditas ou as atitudes tomadas, de ocultas intenções e de estranhos paradoxos de alma.

Depois o coro de Bacantes impõe o tom, que é o do antagonismo entre as componentes masculina e feminina, em uníssono com o conflito eterno de nomos e physis. Dioniso surge como o único poder divino da peça, essa força da Natureza e do instinto a que adere sem reservas a psicologia feminina. Dotada de uma natureza mais sensitiva, a mulher procura no deus, vivo na pujança do Cítreron, uma satisfação que a ordem social lhe recusa. Possuída pela potência renovadora da divindade, afasta-se da convenção social que a escraviza, de Tebas, da lei.

Toda a atenção de Hélia, criado este contexto para a actuação feminina, se concentra sobre a figura de Antígona-mulher. Uma infância, uma adolescência, o sabor do exílio, um contorno de relações familiares, o sonho de um casamento, a aprendizagem e o crescimento de uma criatura humana desenham uma vida, que esbarra com a secura, a anormalidade, a insegurança, o vazio, até se tornar a presença incômoda e problemática que lembra um passado de desgraça e oferece a todos a face da desadaptação.

Delineado o retrato, estamos diante da Antígona que agora se opõe à vontade soberana do rei, da família e da cidade. Regressada a casa e aos seus, depois da experiência dolorosa do exílio, a adolescente que se confronta com o mundo da normalidade é uma estranha que ninguém mais reconhece, incapaz de alijar a carga de uma experiência distorcida para voltar a sorrir como qualquer rapariga da sua idade. Como recuperar, depois de ter sido «bicho», os traços mais suaves de uma criatura humana?

Essa não é mais a heroína superiormente dobrada à força do dever para com os deuses ou para com os princípios superiores; nem tão-pouco aquela filha de uma família maldita que mantém, para além dos crimes cometidos por cada um dos seus parentes, um respeito inquebrantável pela lei do sangue; a nova Antígona é o simples fruto de uma experiência frustrante, que lhe destrói hora a hora a alma, que a deixa solitária porque ressentida com tudo e com todos, e, por esse mesmo ódio, capaz de uma rebeldia inabalável.

Maria de Fátima Silva